



O Talibã

Uma Análise Organizacional

Major Shahid Afsar, Exército do Paquistão;
Major Chris Samples, Exército dos EUA; e
Major Thomas Wood, Exército dos EUA

Os pontos de vista expressados neste artigo são dos autores. Não expressam as opiniões ou políticas oficiais do Exército dos EUA ou do Exército do Paquistão.

O Major Shahid Afsar é oficial de infantaria do Exército do Paquistão e está realizando curso na Escola Naval de Pós-Graduação em Monterey, na Califórnia. O MAJ Afsar já serviu nas Áreas Tribais Administradas Federalmente em apoio à Operação Almizan.

O Major Chris Samples é oficial de forças especiais do Exército dos EUA e está realizando curso na Escola Naval de Pós-Graduação em Monterey, na Califórnia. O MAJ Samples já serviu três vezes no Afeganistão em apoio à Operação Enduring Freedom.

O Major Thomas Wood é oficial de operações psicológicas do Exército dos EUA e está realizando curso na Escola Naval de Pós-Graduação em Monterey, na Califórnia. O MAJ Wood já serviu no Iraque em apoio à Operação Iraqi Freedom.

FOTO: A bandeira do Talibã mostra o Shahadah, o credo islâmico, que é a declaração muçulmana da convicção da unidade de Deus e a aceitação de Muhammad como seu último profeta.

Aquele que conhece o inimigo e a si mesmo lutará cem batalhas sem perigo de derrota; para aquele que não conhece o inimigo, mas conhece a si mesmo, as chances de vitória ou derrota serão iguais; aquele que não conhece nem o inimigo e nem a si próprio será derrotado em todas as batalhas.

—Suz Tzu¹

UMA DAS IMAGENS mais bem reconhecidas dos tempos atuais é aquela de aviões colidindo contra o World Trade Center em 11 de setembro de 2001. A organização terrorista Al-Qaeda e seu anfitrião, o Talibã no Afeganistão, chegaram a ser nomes conhecidos por todos no mundo inteiro naquele dia fatídico. A mídia começou a publicar histórias sobre as brutalidades do Talibã e o mundo descobriu um novo monstro.

O Talibã não cresceu na escuridão de uma noite só, nem era desconhecido no Oriente Médio, a região do mundo mais severamente afetada após 11 de Setembro. Depois da sua emergência das madrassas (escolas religiosas islâmicas) em 1994, o Talibã obteve vitórias surpreendentes contra seus inimigos e assumiu o domínio de muitas partes do Afeganistão.² Simultaneamente saudados como salvadores e temidos como opressores, os talibãs eram um fenômeno quase mítico que parecia encarnar a essência das crenças culturais afegãs, especialmente a vingança para as transgressões, a hospitalidade para os inimigos e a disposição para morrer pela honra. O Talibã conheceu o povo afegão e seus costumes e se entrincheirou na complexa rede afegã de tribos, religião e consciência étnica.

Apesar de sua queda rápida em 2002 por uma pequena coalizão de forças dos EUA e de grupos anti-Talibã, o Talibã não desapareceu. De fato, hoje, diante de milhares de soldados da OTAN e dos EUA, um crescente Exército Nacional Afegão (*Afghan National Army — ANA*) e um governo eleito pelo povo, a influência do movimento está aumentando. Ele continua a travar uma insurgência que tem impedido o novo governo de estabelecer sua legitimidade e, ainda, o Talibã tem criado grande agitação no Paquistão. Evidentemente, cabe a nós a conhecer mais sobre este inimigo arcaico mas formidável.

A História

O Talibã de hoje tem sido formado por uma variedade de influências e eventos:

- a cultura de guerra antiga do Afeganistão;
- a invasão soviética de 1979 e os mujahidin que lutaram contra ela;
- a guerra civil e os caudilhos que se seguiram à retirada das forças soviéticas em 1989;
- a ideologia religiosa das madrassas;
- a aceitação inicial do Talibã como a esperança de paz para um povo cansado de guerra;
- a derrocada do movimento em 2002; e
- a insurgência contínua.³

O Talibã é composto principalmente de pashtuns muçulmanos sunitas. Historicamente, este maior grupo étnico afegão ocupava uma grande área de terra, que se estendia do centro-oeste do Afeganistão até muito ao sul e ao longo da fronteira leste do país. A região tem uma história longa de invasores que tentaram subjugar, a maioria sem sucesso, os pashtuns. Desde Alexandre em 326 a.C., muitas forças militares estrangeiras têm entrado no Afeganistão, entre elas os persas, citas, kushanas, sakas, hunos, árabes, turcos, mongóis, britânicos, russos e mais recente os americanos e seus aliados da OTAN.⁴

Por serem extremamente independentes, os pashtuns sempre têm defendido sua terra natal contra invasores estrangeiros. Nenhum poder externo conseguiu completamente subjugar-los.⁵ Eles derrotaram completamente a maioria de seus pretensos conquistadores ou os absorveram em suas tribos pelos séculos. Os pashtuns se adaptavam às estratégias dos invasores e depois utilizavam essas novas táticas e equipamento para lutar entre si até se confrontarem com outra ameaça externa. Esta orientação tem formado a perspectiva pashtun e talibã: “Um pashtun nunca está em paz, exceto quando ele está em guerra.”⁶ Os pashtuns não estão inclinados a aceitar qualquer forma de autoridade rígida, até com o custo da discórdia e insegurança.⁷

O “Grande Jogo” no século XIX ajudou a formar o ambiente político atual da região pashtun.⁸ Também, proporcionou aos pashtuns seus primeiros encontros com um poder militar moderno, durante as três Guerras Anglo-Afegãs (1839, 1878 e 1919). Após tentativas frustradas para avançar no Afeganistão, a Rússia e a Grã-Bretanha concordaram em formar um estado tampão entre suas zonas de influência. Por causa das medidas de direito de assistência, a fronteira internacional de 1893 entre a Índia britânica e

o Afeganistão, a Linha Durand, não afetou os afegãos com fortes laços étnicos ou familiares aos pashtuns que moravam no outro lado da fronteira. Os britânicos proporcionaram status semi-autônomo às tribos no lado da fronteira britânico-indiana criando as agências tribais, as quais se transformaram nas Áreas Tribais Administradas Federalmente (*FATA*) após sua independência.⁹

Em geral, as áreas pashtuns permaneceram tranqüilas até o último quarto do século XX, quando a estabilidade relativa experimentada no Afeganistão, sob o domínio de quatro décadas do Zahir Shah, terminou em 1973. A instabilidade que se seguiu foi o catalisador para o Partido Democrático do Povo Comunista do Afeganistão derrubar o governo em 1978. Os elementos conservadores do Afeganistão, liderados pelos mujahidin, resistiram ao pacote de reformas radicais do novo regime, o qual incluiu novos impostos, mudanças dramáticas na posse de terra, educação obrigatória para mulheres e a participação feminina em papéis não tradicionais da sociedade.¹⁰

A União Soviética desdobrou tropas no Afeganistão, em dezembro de 1979, para ajudar seu aliado comunista contra as milícias islâmicas e enfrentar a ameaça dos islamitas radicais de ganhar o poder nas repúblicas muçulmanas na Ásia central, o ponto fraco da União Soviética.¹¹ Essa ação estimulou a resistência dos mujahidin e chamadas para o jihad. Em resposta, as forças militares soviéticas travaram uma campanha de contra-insurgência brutal. Em quase dez anos de ocupação, consta que as forças soviéticas e seus aliados comunistas afegãos mataram 1,3 milhão de afegãos, destruíram a infra-estrutura nas áreas urbanas e rurais do país e motivaram 5,5 milhões de afegãos a fugirem para campos de refugiados no Irã e no Paquistão. Eventualmente, a maioria deles chegou às áreas tribais do Paquistão.¹²

Apesar dos grandes investimentos em homens e material, os soviéticos nunca conseguiram acesso sem oposição à área rural, especialmente na região pashtun, onde as áreas urbanas e os centros do governo, virtualmente assediados pelos mujahidin, foram penetrados somente de vez em quando (e só durante grandes operações).¹³ Em fevereiro de 1989, os soviéticos se retiraram do Afeganistão. Seis meses antes, os soviéticos

entregaram grandes depósitos de armas e munições às forças do governo. Eles continuaram a proporcionar apoio material por mais dois anos, mas essencialmente sua retirada deixou o governo defender-se por si próprio. Uma guerra civil que se seguiu resultou na renúncia do governo comunista em abril de 1992. As diferenças entre as facções dos mujahidin se revelaram rapidamente. Cada uma tinha um líder ou caudilho que tinha aspirações por mais poder. Lutas estouraram, levando a saque e pilhagem gerais. Rixas entre os caudilhos e a população cansada de guerra resultaram num ambiente que permitiu que as idéias radicais do Talibã se estabelecessem.¹⁴

O núcleo do Talibã cresceu dos campos de refugiados dos pashtuns, principalmente no Paquistão, onde uma versão modificada e seletivamente interpretada do Islã wahhabista influenciou alguns estudantes (*talib*) das madrassas a adotarem uma abordagem ultraconservadora nos assuntos sociais e políticos.¹⁵ Não é um fenômeno novo na região haver estudantes teólogos lutando por direitos declarados e liberdades, e esses talibs, agora chamando-se formalmente o Talibã, se apresentaram como estudantes religiosos virtuosos que marcharam para a paz.¹⁶ As reivindicações do Talibã ressoaram com o povo pashtun, e sua popularidade se espalhou rapidamente.

Em novembro de 1994, o Talibã se apossou de Candahar no sul do Afeganistão. Conseguiram a legitimidade religiosa de fato entre os pashtuns rurais quando seu líder, Mulá Muhammad Omar, vestiu o manto sagrado do Profeta Maomé em frente a uma assembléia pública e se declarou “o Líder dos Fieis” (*Amir-ul-Momineen*).¹⁷ Esse evento, possivelmente o momento mais importante da história do Talibã, permitiu ao Omar reivindicar seu direito de “liderar não apenas todos os afegãos, mas todos os muçulmanos.”¹⁸ Proporcionou ao movimento um líder carismático que poderia explorar o misticismo inerente da cultura pashtun.¹⁹

O Talibã conseguiu avanços militares rápidos e pelo ano de 1997 controlava 95% do país.²⁰ Apesar da euforia inicial, o grupo perdeu gradualmente o apoio da comunidade internacional e do povo afegão porque cumpriu rigidamente sua versão extremista da lei islâmica. O Talibã baniu televisão, música e dança; proibiu mulheres de frequentar escola e de trabalhar fora de casa;

realizou atrocidades contra a população não-sunita do Afeganistão; e apoiou supostamente grupos sectários sunitas militantes no Paquistão. Também, o Mulá Omar interagiu com Osama Bin-Laden e o Talibã patrocinou campos de treinamento e hospedou líderes da Al-Qaeda em áreas sob seu controle.

A recusa de Omar de extraditar Bin-Laden após 11 de Setembro acionou a Operação *Enduring Freedom*, a qual levou à queda rápida do Talibã e da Al-Qaeda no Afeganistão. Muitos combatentes do Talibã incorporaram-se na sociedade afegã, enquanto os líderes foram para a clandestinidade e depois re-emergiram como o núcleo de uma insurgência. As expectativas não realizadas do povo aflito pelas guerras e o domínio não-pashtun do governo central em Cabul proporcionaram o ímpeto à insurgência.

Na *FATA* e na Província da Fronteira Noroeste (*NWFP*) do Paquistão, os pashtuns favoráveis ao Talibã têm estado em conflito com as forças de segurança paquistanesas. Durante a ocupação russa do Afeganistão, o Paquistão e os EUA usaram a *FATA* como uma área de lançamento de ataques dos mujahidin que apoiavam, fazendo das áreas tribais um foco de extremismo. A proliferação de madrassas, uma abundância de armas modernas e uma afluência de refugiados afegãos radicalizaram o ambiente. Depois da partida dos soviéticos, muitos dos mujahidin estrangeiros (a maioria árabes) se estabeleceram na *FATA* e foram absorvidos nas tribos por meio de casamentos. Devido às semelhanças étnicas, religiosas e ideológicas, os residentes da área viram favoravelmente a ascensão do Talibã. Após 11 de Setembro e a Operação *Enduring Freedom*, elementos radicais na *FATA* mobilizaram certo apoio para o Talibã e começaram a direcionar sua atenção para o governo do Paquistão porque ele deu apoio a Operação *Enduring Freedom*. Desde então, o Paquistão tem desdobrado mais de 100.000 soldados em partes diferentes da *FATA* para deter os militantes com características operacionais semelhantes, que estão bem alinhados com o Talibã no Afeganistão. Recentemente, simpatizantes do Talibã no Paquistão juntaram suas forças para formar uma organização abrangente chamada Tehrik-i-Talibã do Paquistão (Movimento do Talibã do Paquistão). Designaram Baitullah Mehsud como seu líder.²¹

A Cultura

A cultura é provavelmente o fator mais importante na luta de contra-insurgência no Afeganistão. Michael Howard opinou que “As guerras não são exercícios táticos exagerados... São... conflitos de sociedades, e somente podem ser completamente entendidas se compreendida a natureza da sociedade que as trava.”²² A presença do Talibã é mais evidente nas áreas dos pashtuns. Segundo Thomas Johnson, diretor do Programa para os Estudos de Cultura e Conflito da Escola Naval de Pós-Graduação, “Embora seja incorreto dizer da insurgência ou da ressurreição do Talibã como um assunto simplesmente pashtun, não está longe da verdade.”²³

A cultura pashtun depende consideravelmente do código de honra Pashtun-wali, o qual precede o Islã e é específico dos pashtuns.²⁴ Um pashtun “deve aderir ao código para manter sua honra e reter sua identidade como um pashtun.”²⁵ Aqueles que violam o código são sujeitos ao veredicto de uma *jirga*.²⁶ Alguns dos aspectos mais importantes do código incluem —

- *Nang* (honra). Um homem da tribo tem a obrigação de empregar todos os meios possíveis para defender e proteger sua honra e a da sua família. A honra de um pashtun depende de uma variedade de pequenos costumes e regras, os quais, se desrespeitados, exigem uma restauração da honra até com o custo da vida.

- *Badal* (vingança). Quando alguém mata um membro da família ou viola a honra de uma mulher da família, a vingança é necessária para restaurar a honra. Frequentemente, leva a uma morte. Esta vingança pode ocorrer imediatamente ou gerações mais tarde se a família estiver com uma posição fraca quando o incidente acontecer. O Talibã tem usado a badal para recrutar novos combatentes após civis terem sido eliminados por bombardeios e “operações de duro-golpe” da coalizão.²⁷

- *Melmastia* (hospitalidade). A hospitalidade e a proteção devem ser oferecidas a todos os visitantes sem expectativa de remuneração ou favor. Qualquer pashtun que puder obter acesso à casa de outro pashtun pode reivindicar asilo, sem importar a relação anterior entre as duas partes.²⁸ Os Talibãs usam melmastia para obter comida e abrigo quando viajam na área pashtun.



AP, Joe Gaal

Um homem afegão passa por uma linha de viaturas militares soviéticas abandonadas perto de Asadabá, no Afeganistão, 24 de dezembro de 1989, 10 meses após a retirada russa do país.

- *Nanawatay* (procurar perdão). Para evitar badal, o código permite aos pashtuns pedirem perdão àqueles que têm maltratado. A parte que ofendeu vai para a casa de seu inimigo para pedir perdão e fazer as pazes com ele. A nanawatay é a única alternativa à badal. O Talibã não enfatiza a nanawatay; estimula as pessoas aflitas a se juntarem à insurgência para restaurar sua honra ou vingar a morte de membros da família.

- *Hamsaya* (“um que compartilha a mesma sombra”). A hamsaya é servidão em troca pela proteção de tribos mais fortes ou pelo fornecimento de algum bem. Por exemplo, pode acarretar na troca de serviço militar por terra. Esta prática explica a razão que tribos seguem rapidamente quem quer que seja mais forte. Também explica como o Talibã consolidou o poder tão rapidamente nos anos 90.²⁹

Embora rivais, as tribos pashtuns se juntam contra estrangeiros se ameaçadas. Politicamente elas são bem informadas e empregarão alianças e contra-alianças para sua vantagem — como na guerra atual. Como notado pela *Christian Science Monitor*, “As regras desta guerra diferem muito dos slogans fáceis de ‘ou você está conosco ou contra nós.’ De fato, a história pashtun é cheia de heróis que apoiaram os dois lados pelo benefício da tribo, família e honra.”³⁰

A Religião

O Talibã depende principalmente da religião para persuadir o povo afegão, 99% dos quais são muçulmanos (80% sunitas, 19% xiitas).³¹

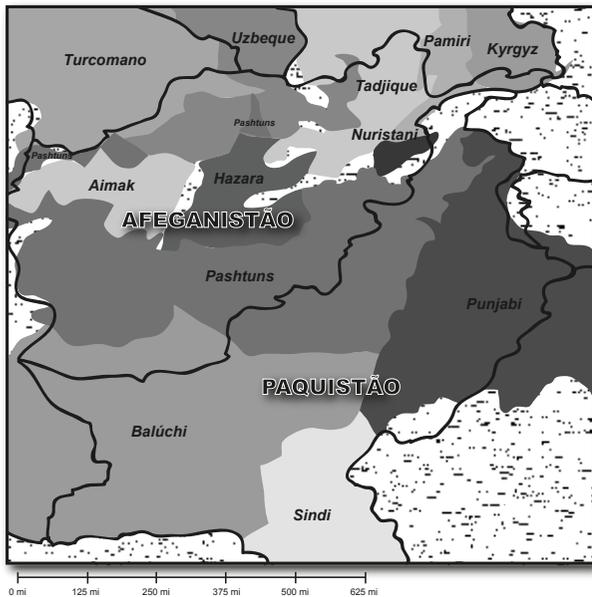


Figura 1. Áreas tribais no Afeganistão e no Paquistão

Na tradição islâmica afegã, a religião básica é combinada com crenças pré-islâmicas e com os costumes tribais de pashtunawali.³² O Talibã tem até transformado mais a tradição com uma interpretação ultraconservadora do Islã.

A distinção da sua ideologia religiosa surgiu das madrassas estabelecidas durante a guerra soviético-afegã. Com apoio da Arábia Saudita,

muitas das escolas mudaram para um tipo ortodoxo do Islã, um que segue um modelo igualitário de Salafist e força estritamente a obediência.³³ Segundo as palavras de Ahmed Rashid, “Os talibãs não representavam ninguém, mas eles mesmos e não reconheciam nenhum Islã a não ser o seu próprio.”³⁴ A maioria dos afegãos não queriam seguir esta nova versão do Islã, mas a imposição dura pelo Talibã deu-lhes pouca escolha.

A Etnicidade

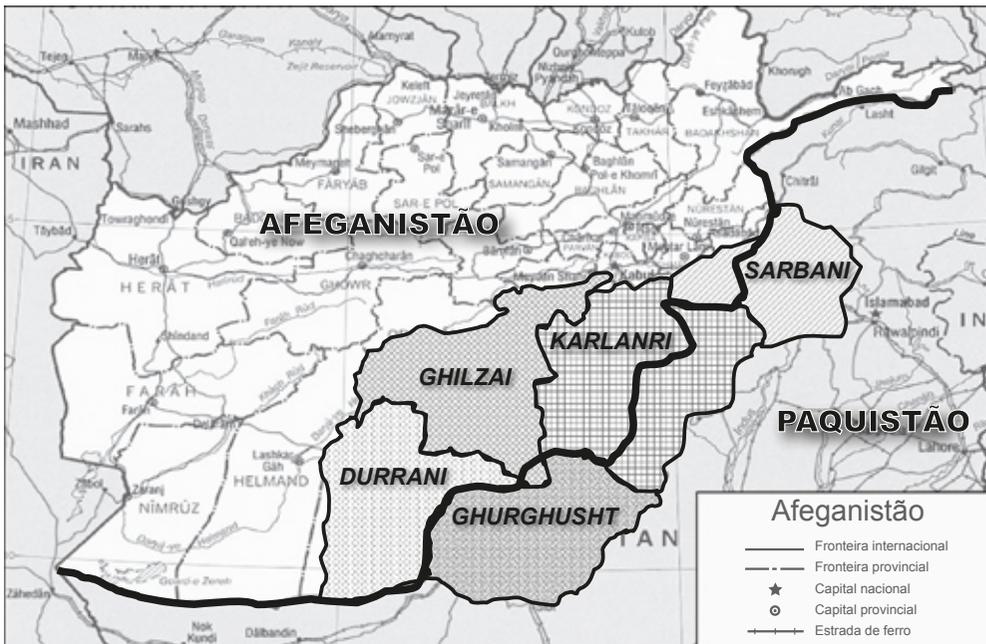
O Afeganistão é 42% pashtun, 27% tadjique, 9% hazara, 9% uzbeque, 4% aimak, 3% turcomano, 2% balúchi e mais 4% de outras etnias.³⁵

Existem até mais pashtun no Paquistão que no Afeganistão, e a maioria mora nas áreas fronteiriças — a *FATA* e a *NWFP*. Embora genealogias obscuras, mitos e folclore, alianças históricas e conflitos tornem muito difícil desenhar linhas divisórias, existem cinco principais grupos tribais: Durrani, Ghilzai, Karlanri, Sarbani e Ghurghusht. O Durrani e o Ghilzai são os dois mais influentes.³⁶

Durranis. A confederação tribal Durrani, concentrada principalmente no sudeste do Afeganistão, proporcionava tradicionalmente a liderança nas áreas pashtuns desde que Ahmad

Shah Durrani estabeleceu uma monarquia em 1747. Os afegãos consideram Ahmad Shah como o fundador do Afeganistão moderno porque ele uniu as tribos fracionadas. O presidente atual do Afeganistão, Hamid Karzai, é durrani.

Ghilzais. O grupo tribal Ghilzai está concentrado principalmente no leste do Afeganistão e tem sido historicamente um arquiinimigo dos durranis. Alguns dos principais líderes do Talibã de hoje, incluindo Mulá Omar, são ghilzais.³⁷ Os ghilzais são parte de uma confederação relativamente desconhecida chamada os Bitanis.³⁸



Nota: Adaptado de Johnson e Mason, *Understanding the Taliban and Insurgency in Afghanistan*.

Figura 2. Localização dos principais grupos tribais de pashtuns

Karlanris. Os karlanris, ou “tribos das montanhas”, são o terceiro maior grupo de pashtuns.³⁹ Eles abrangem as áreas fronteiriças entre o Paquistão e o Afeganistão em Waziristão, Kurram, Peshawar, Khost, Paktia e Paktika.⁴⁰

Sarbanis. Embora separados geograficamente, dois principais grupos constituem o Sarbani. O maior grupo, localizado ao norte de Peshawar, inclui as tribos como os mohmands, yusufzais e os shinwaris, enquanto o menor segmento consiste dos sheranis e tarins, que são espalhados no norte de Balochistão.⁴¹ Esta facção abrange a aristocracia tradicional dos pashtuns.

Ghurghushts. O último principal grupo tribal é o Ghurghusht. Encontram-se principalmente no norte de Baluchistão e incluem as tribos como os Kalars, Mandokhels, Panars e Musa Khel. Algumas das subtribos dos grupos, como as Gaduns e Safis, também podem ser encontradas no *NWFP*.⁴²

Recursos

O Talibã tem acesso a uma completa quantidade de recursos, de mão-de-obra a tecnologia. Os principais recursos analisados aqui incluem aliados religiosos, campo humano e o mercado de ópio.⁴³

Aliados religiosos. Entre um grande número de terroristas transcontinentais, a Al-Qaeda dá ao Talibã em particular uma causa religiosa e um pouco

de legitimidade, ajuda no esforço de guerra das informações do Talibã e proporciona ao movimento dinheiro, pessoas (combatentes estrangeiros), tecnologia (explosivos improvisados avançados e comunicações) e apoio de adestramento tático. Tehreek-i-Nifaz-i-shariat-i-Muhammadi, um grupo nas regiões de Swat da *FATA* e da *NWFP*, é mais um forte simpatizante do Talibã. Também, o Movimento Islâmico do Uzbequistão (*Islamic Movement of Uzbekistan — IMU*) da Ásia Central, Hizb-i-Islami Gulbuddin (HiG), Movimento Islâmico do Turquestão Leste (*Eastern Turkestan Islamic Movement — ETIM*) e um número de outros grupos militares menores apóiam ou pelo menos se coordenam com o Talibã.

Algumas das madrassas nas áreas pashtuns ensinam uma versão violenta da ideologia islâmica, que mistura os sentimentos étnicos e religiosos. Essas escolas são terras férteis de recrutamento para o Talibã. Mohammed Ali Siddiqi, um perito de madrassas, explica o fenômeno como “um acidente da história”: “A liderança do movimento islâmico foi assumida pelos pashtuns porque eles tinham resistido com sucesso à ocupação soviética do Afeganistão. Depois o Talibã pashtun triunfou [no Afeganistão]... Desde que as madrassas desempenharam um papel proeminente no

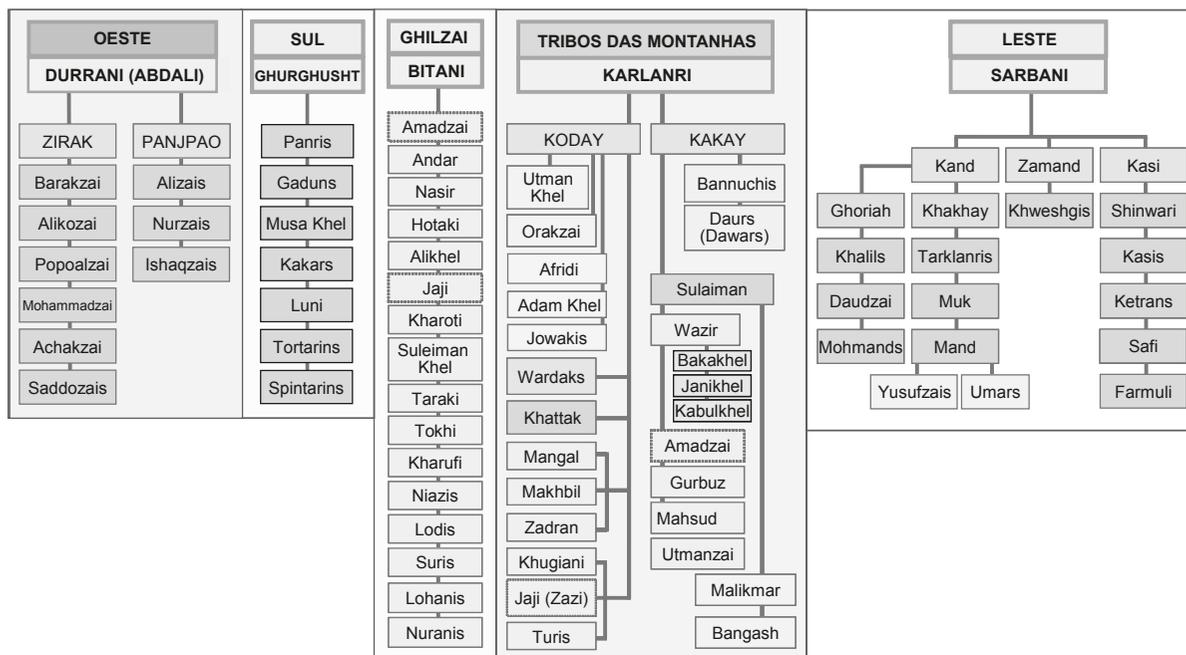


Figura 3. Grupos tribais e sub-tribais dos pashtuns

jihad anti-soviético, adquiriram uma reputação como uma terra fértil de recrutamento para os mujahidin e como centros de aprendizagem.”⁴⁴

Campo humano. Esta vantagem é essencial para o sucesso ou fracasso da insurgência do Talibã. De modo simples, uma insurreição não pode se manter sem o apoio do povo. Os pashtuns, feitos vulneráveis pelo que eles consideram ser uma falta de influência do governo em Cabul, se tornaram mais receptivos ao Talibã recentemente. Além do mais, “as suspeitas e desconfiança do governo foram até mais aumentadas pela incapacidade da Autoridade Transitória Afegã de proteger os pashtuns da onda de abusos de direitos humanos, perpetuados pelos insurgentes e caudilhos desde a queda do Talibã.”⁴⁵ Por isso, aproximadamente 28 milhões de pashtuns no Afeganistão contribuem para a insurgência dos talibãs com recrutas, pessoal de apoio, dinheiro, armas e uma rede de inteligência.⁴⁶ Também, proporcionam inteligência excelente em tempo real sobre a maioria dos movimentos de tropas, permitindo aos combatentes do Talibã fugirem quando em menor número ou montarem emboscadas e colocarem explosivos improvisados quando é mais vantajoso. Podendo valer-se de mais que duas gerações de habitantes calejados pela guerra, o Talibã recruta combatentes experientes que conhecem o terreno e podem sobreviver no ambiente adverso. Um bônus extra são as munições que os mujahidin esconderam por todo o país durante a guerra afegão-soviética, na guerra civil subsequente e na consolidação do poder do Talibã.

Receita das drogas. O último principal recurso do Talibã é o comércio ilegal de drogas, o qual proporciona rendimento e outros benefícios. Com uma melhor irrigação e mais chuva, o Afeganistão tem virtualmente se tornado um narco-estado.⁴⁷ A colheita recorde de ópio em 2006 valia mais de US\$ 3 bilhões.⁴⁸ As estimativas de 2007 são até maiores. Atualmente, o Afeganistão produz 93% do ópio do mundo — quase a metade do produto interno bruto vem desse comércio.⁴⁹ A quantidade exata que o Talibã recebe dele é incerto, mas eles tributam fazendeiros, latifundiários e traficantes de drogas. Embora o grupo fizesse votos inicialmente para eliminar o ópio, agora o considera um mal necessário para avançar em

sua causa: ele não apenas gera financiamento para a insurgência, como envenena o Ocidente decadente, especialmente a Europa, que recebe 90% de sua heroína do Afeganistão. Os traficantes de drogas e o Talibã se ajudam com armas, pessoal e dinheiro, tudo para desestabilizar a República Islâmica do Afeganistão (RIA).

O Terreno Físico

O terreno físico no qual o Talibã, seus simpatizantes e as forças da coalizão operam é brutal. O Afeganistão e a *FATA* compõem-se de mais de 650.000 km², dos quais mais de 70% são uma mistura montanhosa de planaltos, montanhas com densas florestas e vales escarpados.⁵⁰ Apenas 12% da terra é cultivável.

O sul e o oeste do Afeganistão são principalmente desertos, com exceção da área do rio Helmand.⁵¹ As infra-estruturas das linhas de comunicações são subdesenvolvidas ou virtualmente inexistentes. Os caminhos coincidem com as linhas divisórias das águas e os vales e passam por barrancos profundos, que por séculos têm sido os lugares de emboscadas mortíferas por guerreiros locais. Construídas em pontos de vantagem defensiva, as casas são geralmente bem fortificadas. É extremamente difícil controlar as rotas de acesso a cidades, vilarejos e a população em tal terreno irregular. Múltiplos focos de espaço inacessível, que são governados pela lei tribal, permitem aos militantes liberdade de manobra, enquanto tornam as operações militares convencionais ineficazes e caras em termos de tropas e de recursos. Em resumo, o terreno é favorável para as atividades insurgentes.⁵² Como a cultura da região, a geografia acidentada permanece não afetada pelo tempo. O Afeganistão é “um lugar onde a terra molda o povo, ao invés do povo moldar a terra.”⁵³

A Estratégia

Segundo Thomas H. Johnson, “O que o Talibã quer é retornar a seu status pré-11 de Setembro... Os talibãs são compelidos por dois interesses concorrentes: o desejo de reconquistar o Afeganistão e o desejo de restabelecer o califado. O primeiro é centrado no Pashtun, e o segundo inspirado mais pela Al-Qaeda.”⁵⁴

A estratégia insurgente do Talibã é de paciência. Eles estão travando uma “guerra de pulga”

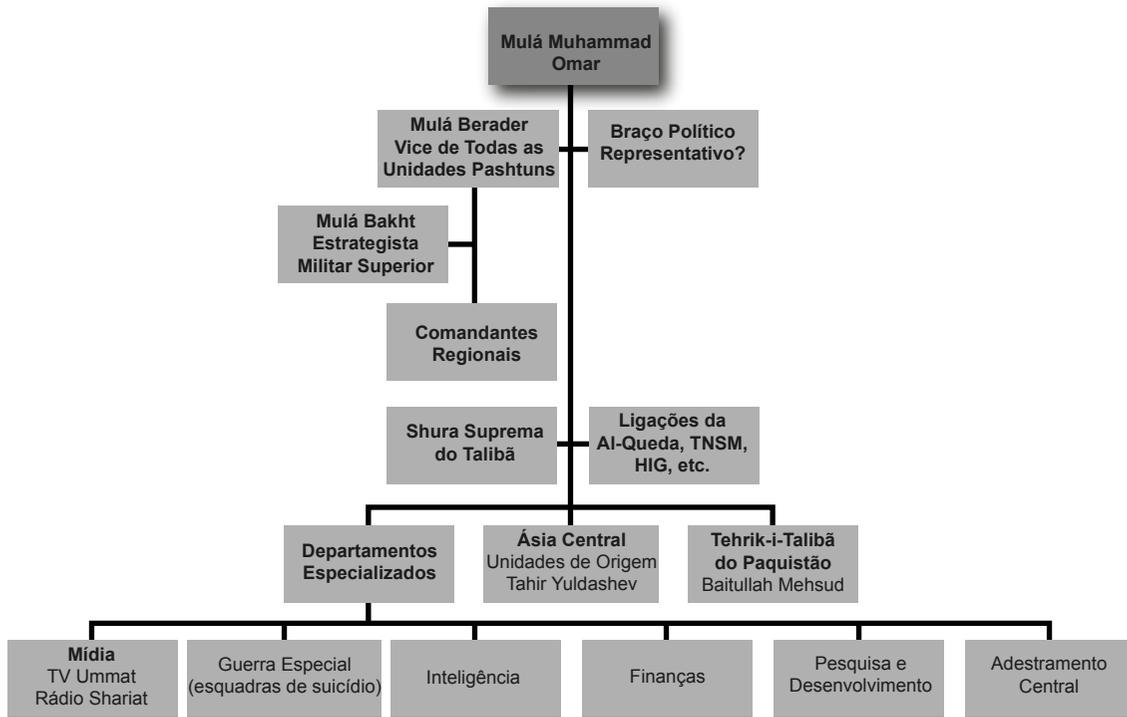


Figura 4. Um diagrama organizacional do Talibã

clássica, para causar que seu inimigo sofra as “desvantagens do cachorro: muito para defender e a incapacidade de arcar com um inimigo pequeno demais, ubíquo e ágil. Se a guerra continuar por tempo suficiente... o cachorro sucumbirá à exaustão...”⁵⁵ Um axioma frequentemente citado é que “Pode ser que os americanos tenham os relógios, mas nós temos o tempo.”⁵⁶ Seu plano tem quatro objetivos, ou fases:

- mobilizar o público religioso no Afeganistão e no Paquistão;

- animar as tribos pashtun por meio do código pashtun-wali e da ideologia religiosa, e ao enfatizar a subjugação dos pashtuns por um governo em Cabul predominantemente não pashtun;

- desenvolver a confiança em sua organização enquanto ataca simultaneamente a legitimidade da RIA, das forças da coalizão e do Governo do Paquistão;⁵⁷ e

- uma vez que os “cruzados” do Oeste forem expulsos por meios militares ou se retirarem devido

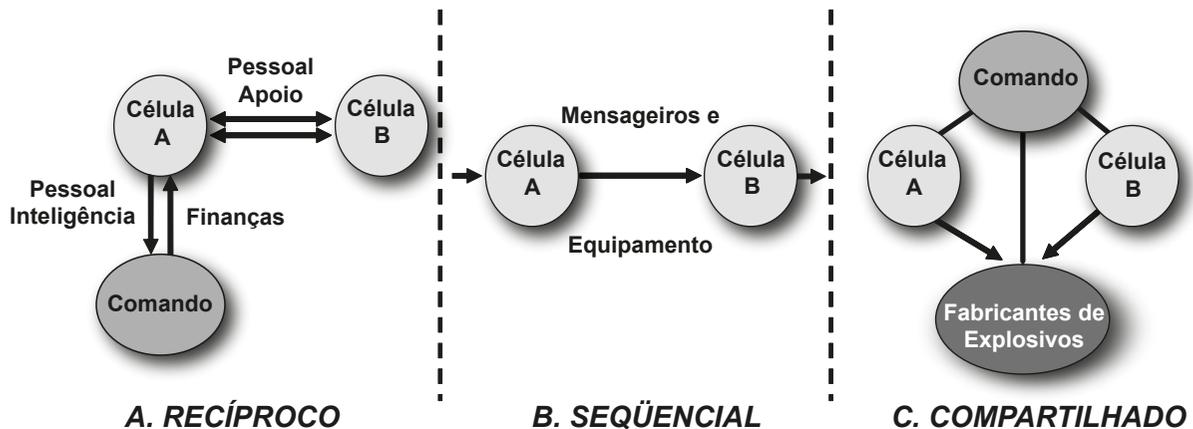


Figura 5. Formas de Interdependência no Talibã

a uma falta de vontade política, controlar o sul e leste do Afeganistão e daí se esforçar para ganhar influência no oeste do Paquistão — estabelecendo sua visão de um estado islâmico.⁵⁸

A Estrutura

Os talibãs têm estruturas organizacionais diferentes nos diversos níveis de sua hierarquia. Antes do 11 de Setembro, o grupo operava numa maneira convencional e centralizada nos níveis superiores e médios. No entanto, no decorrer das atividades insurgentes, a organização fica mais horizontal e proporciona aos comandantes locais mais independência, para que possam adaptar-se

às exigências de um ambiente complexo e beneficiar-se da divisão das forças em pequenas unidades.⁵⁹ (veja a figura 4.)

Departamentos especializados nos níveis superiores e médios do Talibã incluem esquadras de suicídio, meios de comunicação como *Ummat Studios* e *Rádio Shariat* e organizações de adestramento especializado, que proporcionam as habilidades técnicas para desenvolver explosivos improvisados. Outros departamentos proporcionam um conjunto centralizado de habilidades especiais.

A organização do Talibã lembra uma rede de franquias, um arranjo que cabe bem com as

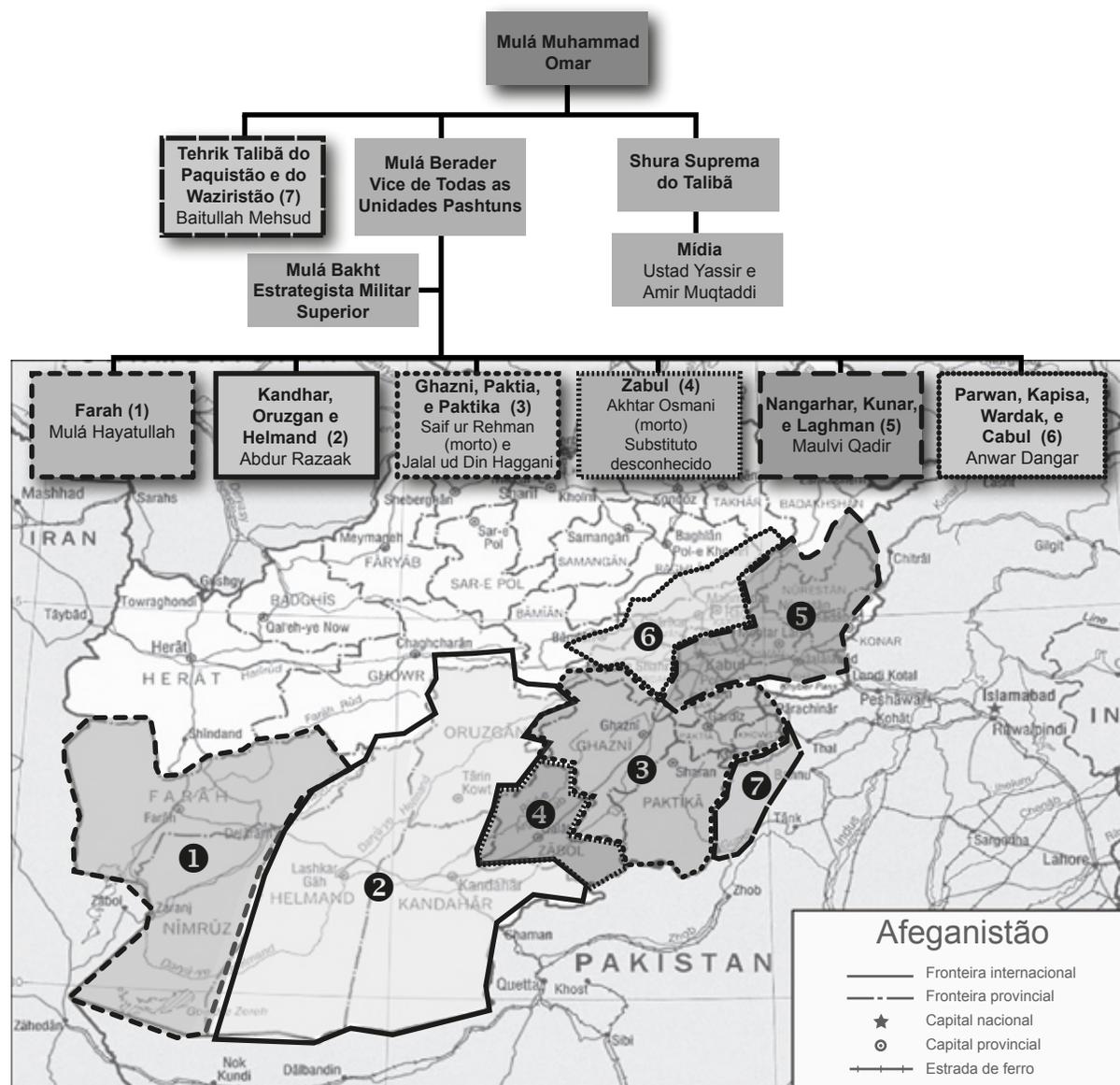
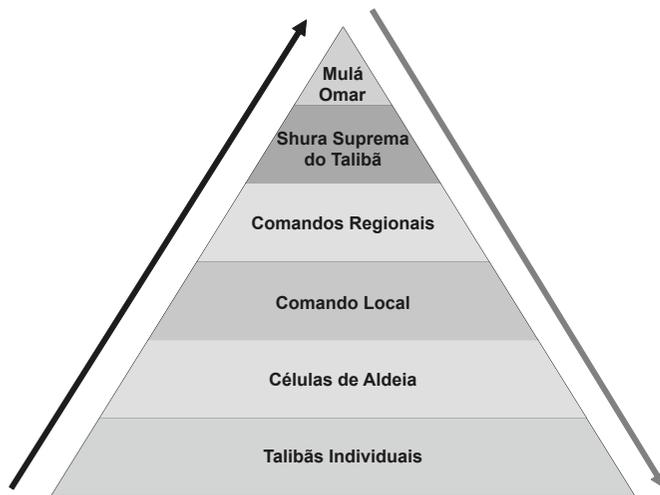
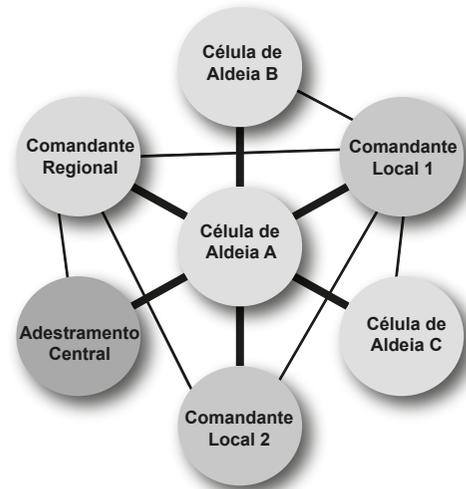


Figura 6. Suposta liderança regional do Talibã



A. Relatório e direção típicos para as decisões de política



B. Relatório e direção para a execução de operações coordenadas

Figura 7. Interligações, coordenação e mecanismos de reportagem do Talibã

tradições tribais. Um pequeno grupo militante começa a chamar-se “o Talibã local”. Adquire alguma forma de reconhecimento da hierarquia central do Talibã em troca por seu apoio e cooperação. A nova célula apóia a grande estratégia do Talibã, mas retém a liberdade de ação local. Esse modo de ação preserva as lealdades tribais e as fronteiras territoriais.

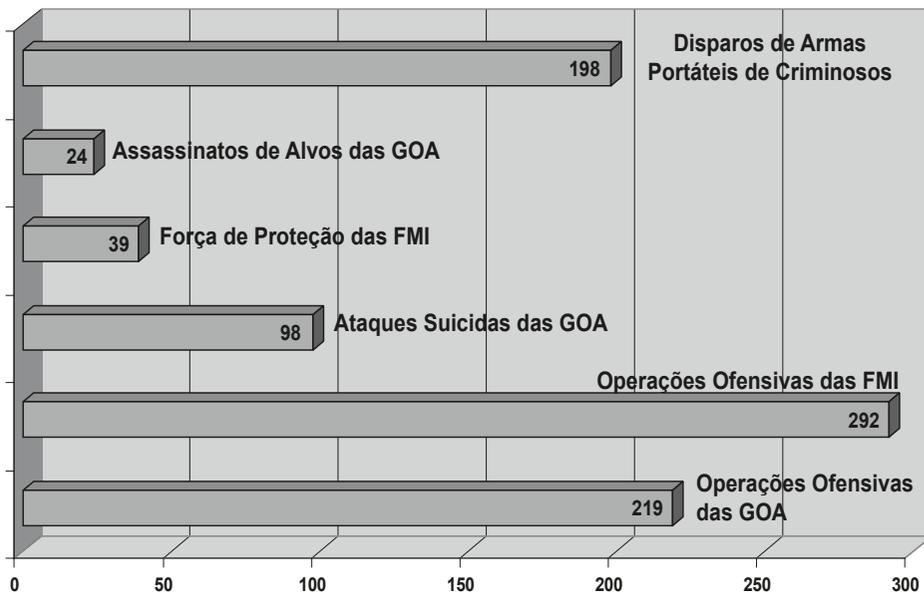
Uma célula de aldeia típica do Talibã possui entre 10 e 50 combatentes de tempo parcial e um número limitado de pessoas motivadas ideologicamente e mercenários de outras áreas. A célula administra sua própria coleta de informações, logística e atividades de controle da população, com a coordenação e apoio de outras células. As configurações das células variam com o ambiente. Embora desempenhe independentemente a maioria das tarefas, a célula tem uma relação recíproca com outras células do Talibã para apoio físico e de inteligência; interdependência para a passagem seqüencial de informações e mensageiros, equipamento e às vezes financiamento; e interdependência compartilhada com a hierarquia superior para as operações da mídia, fabricação de explosivos improvisados, coleta de informações técnicas, adestramento especializado e apoio financeiro adicional.

Liderança. O Talibã reconheceu Mulá Omar como seu líder. O carismático Omar é assistido pela Shura Suprema do Talibã, a versão do Talibã

de uma junta de governadores.⁶⁰ Mulá Dadullah, por exemplo, tinha responsabilidades militares além de ser um membro da *shura*. Consta que os membros originais da shura incluíam Jalaluddin Haqqani, Saifur Rahman Mansoor, Mulá Dadullah (substituído por Mulá Bakht),⁶¹ Akhtar Mohammad Osmani, Akhtar Mohammad Mansoor, Mulá Obaidullah, Hafiz Abdul Majeed, Mulá Mohammad Rasul, Mulá Barodar e Mulá Abdur Razzaq Akhundzada.⁶² A maioria deles é também comandante militar regional ou conselheiro militar.

Nos níveis regionais e locais, os papéis de liderança podem se tornar ambíguos quando líderes diferentes se esforçam pela influência. Consta que o Talibã estabeleceu um processo que designa um líder regional e lhe proporciona uma estrutura de comando elaborada para coordenar e controlar as operações.⁶³ Os comandantes regionais designados controlam os subcomandos ao longo das fronteiras territoriais ou tribais, bem como as divisões funcionais. (Veja a figura 6.)

Tomada de decisões. Os líderes superiores do Talibã se comportam de uma maneira autoritária, traçando as decisões políticas, embora Mulá Omar, conhecido pelo microgerenciamento, tenha sido forçado pelo ambiente operacional a adotar um estilo de liderança menos intrusivo. Os líderes dos níveis médios e baixos do Talibã



LEGENDA: GOA - Grupos de Oposição Armados; FMI - Forças Militares Internacionais (OTAN, EUA)

Tabela 1. Causas das baixas relatadas pelas ONGs

são mais informais. Dependem normalmente de um consenso de uma jirga para manter seu apoio. O clero e os anciões tribais em geral examinam cuidadosamente as decisões para obter o apoio da população.

Coordenação e comunicações. No terreno, a insurgência do Talibã é um assunto descentralizado e livremente gerenciado. A Shura Suprema realiza o planejamento estratégico, promulga diretrizes aos comandantes regionais e dissemina as diretrizes às células de aldeias como *fatwas*, ou decretos. A célula de aldeia age de uma maneira semi-independente com pouco controle de cima. Embora sigam as políticas da Shura Suprema, os líderes de célula planejam e executam as atividades baseadas na situação regional e nos incentivos ou perigos para o grupo.

A abrangência de controle de um líder regional ou local do Talibã depende da natureza das tarefas futuras. Para as tarefas rotineiras, as vinculações e relações de contato se parecem com uma pirâmide hierárquica tradicional, onde as informações passam verticalmente (figura 7a). Contudo, numa operação coordenada, as características de rede entram em jogo, e o Talibã passa as informações e apoio horizontal, vertical ou diagonalmente (figura 7b), com velocidade e eficiência notáveis — interrompendo uns poucos canais de comunicação não se desacelera a transmissão.

Também, o Talibã tem usado com sucesso táticas de redes aglomeradas, nas quais pequenas unidades convergem para alvos específicos e logo se dispersam.⁶⁴

Para retransmitir mensagens sigilosas verbais ou escritas, o Talibã emprega mensageiros.⁶⁵ A rede de mensageiros depende de laços tribais e lealdades para rapidez e segurança. O Talibã usa rádios de curto alcance para as comunicações táticas e emprega um extenso sistema de códigos. Algumas células do Talibã no Paquistão usam a Internet para fins de propaganda e para comunicação em áreas colonizadas. *Nameh-*

i-shab (cartas noturnas — panfletos não-assinados distribuídos clandestinamente), em geral “declarações de intento” para o controle populacional, são mais uma forma de comunicação do Talibã.⁶⁶

Recrutamento e adestramento. O Talibã não tem um processo de recrutamento formal. Aliciam novos recrutas dentre os estudantes das madrassas e os jovens tribais locais motivados pela atração do glamour, sentimentos de vingança, incentivos financeiros e crenças religiosas. A célula local é o centro de recrutamento. O recrutamento explora as lealdades de família e de clã, linhagem tribal, redes sociais, amizades pessoais, círculos de ex-alunos das madrassas e interesses compartilhados. Depois que afegãos inocentes sofrem danos colaterais nas operações da coalizão, o desejo para *badal* causa um afluxo de recrutas. Para aumentar os esforços de recrutamento, frequentemente o Talibã emprega seus combatentes como isca para incitar respostas violentas dos EUA e da OTAN.⁶⁷

Em virtude de quase todas as pessoas na sociedade tribal pashtun estarem armadas, geralmente os recrutas possuem capacidades militares básicas. Recebem muito treinamento no trabalho e têm que provar sua capacidade militar num sistema de exame aos pares semelhante àqueles empregados rotineiramente nas tribos

pashtuns. Os recrutas corajosos, devotos e politicamente confiáveis ganham proeminência dentro de uma célula. Logo, tornam-se seu líder ou formam uma nova célula própria.

Motivação. O Talibã busca concordância entre as motivações pessoais de seus membros, os interesses da célula e os objetivos da organização. Seth Jones já descreveu as duas principais motivações por trás da insurgência do Talibã:

O alto nível da estrutura de liderança do Talibã e os principais comandantes... são motivados por sua interpretação do Islã radical e consideram a insurgência como uma luta contra os infiéis ocidentais e do “governo títere” do Ocidente em Cabul.

Os níveis mais baixos incluem milhares de combatentes locais e sua rede de apoio. O Talibã paga os jovens das aldeias rurais por montar bombas nas beiras de estrada, lançar rojões e morteiros contra as forças afegãs e as da OTAN, ou portar uma arma por uns dias. A maioria não é comprometida ideologicamente ao jihad. Ao invés disso, são motivados porque estão desempregados, desencantados com a falta de mudança desde 2001 ou com raiva porque um aldeão local foi eliminado ou ferido pelas forças afegãs, americanas ou da OTAN.⁶⁸

Os talibãs persuadem seus recrutas a agirem de acordo com os desejos da organização ao oferecer incentivos monetários a pessoas motivadas pelo dinheiro, status a pessoas desejosas de poder e um sentido de glamour aos aventureiros que buscam a glória na sociedade tribal. Também punem as pessoas fracas ao reter dinheiro, reduzir seu status na organização, sujeitá-los ou sua família à violência física e aliená-los da comunidade tribal.

O Talibã também tem um código de conduta pouco definido, pelo qual eles esperam que seus comandantes e combatentes o sigam. Em dezembro de 2007, o Talibã promulgou um código de conduta (*layeha*) para comunicar as regras da organização a seus

membros.⁶⁹ A liderança central pode repudiar um membro ou comandante por qualquer violação grave das regras; por exemplo, em janeiro de 2008 tiraram o Mulá Mansoor Dadullah por não conseguir “obedecer as regras do emirado islâmico.”⁷⁰

O Talibã Assegura seu Futuro

O Talibã aplica seus recursos e estruturas para seus objetivos estratégicos. Influencia o ambiente para perpetuar o crescimento em três categorias:

- capacidades coercivas — atividades nas quais a ameaça ou a aplicação direta da força influencia o ambiente de uma maneira que alimenta os recursos do Talibã;

- influência política interna — meios não-violentos de afetar o ambiente, tal como o desenvolvimento de estruturas paralelas de governo; e

- influência política externa — esforços para isolar o Afeganistão e seus vizinhos da assistência externa e para disseminar a ideologia do Talibã aos estados vizinhos, em particular o Paquistão, para controlar uma maior base de recursos e para continuar a se expandir.

Capacidades coercivas. O emprego das táticas de guerra-da-pulga pelo Talibã tem forçado as unidades da coalizão a se espalharem numa área grande demais e responderem contra as ações do Talibã com quantidades desproporcionais de força, causando assim mais prejuízo à população civil que aos insurgentes.⁷¹

A estratégia do guerrilheiro de hoje reflete uma mudança das operações do Talibã. Os afegãos conheceram o Mulá Omar, por suas ações

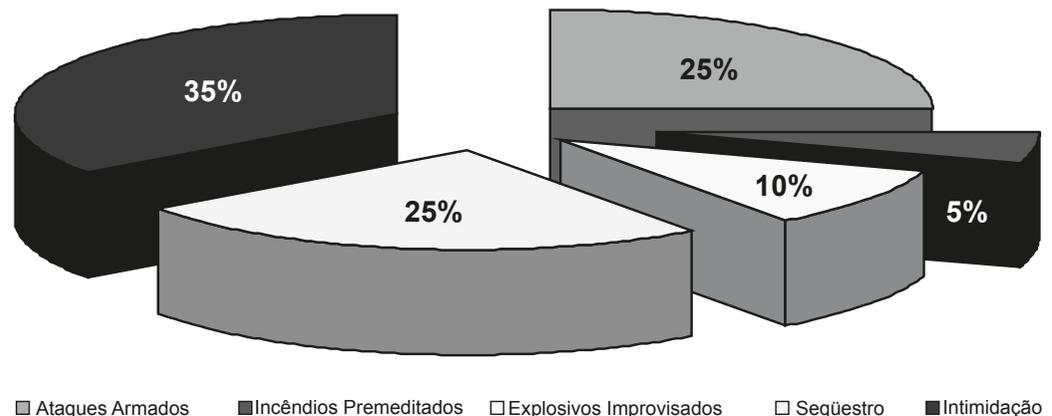


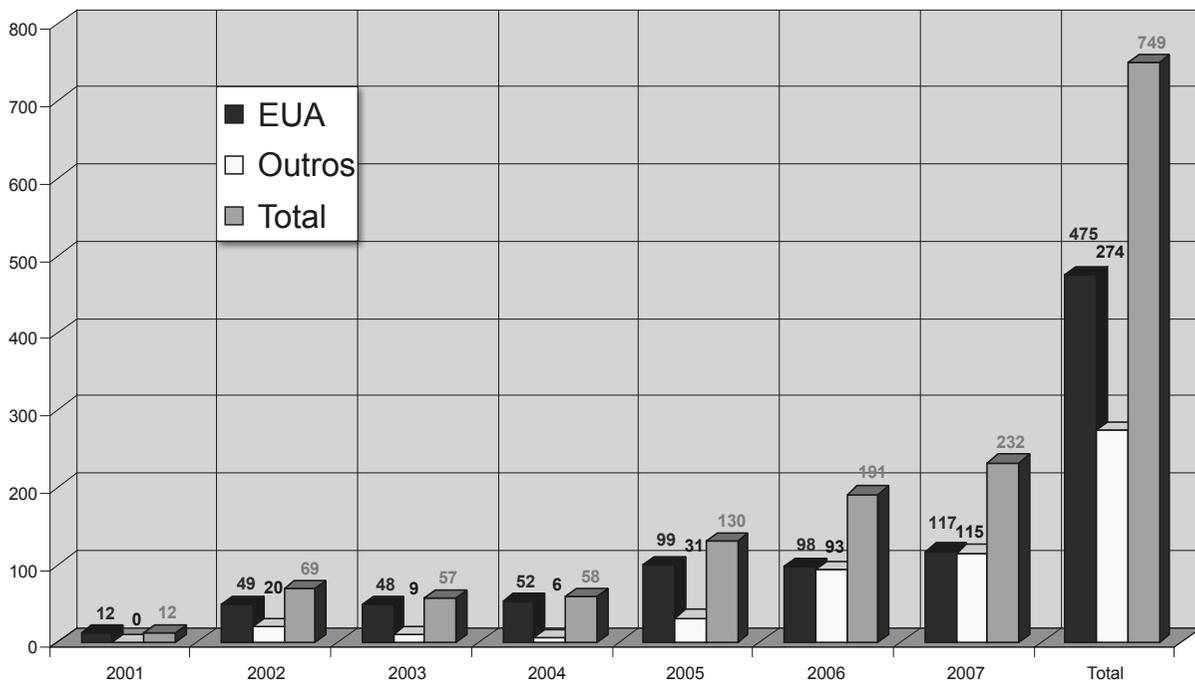
Figura 8. Contatos entre ONGs e GOA

semelhantes às do Robin Hood, como um protetor do povo durante os dias iniciais do Talibã.⁷² Agora, o Talibã tira proveito dos princípios do código pashtun-wali de nanawetey para a obtenção de abrigo com a população. O comandante do Talibã na província de Helmand alega “O povo está conosco. Eles nós dão comida, nós dão abrigo.”⁷³ Claro, pode ser que freqüentemente os abrigos sejam coagidos ao invés de serem oferecidos livremente, como um relatório da província de Ghanzi sugere: “Pessoas esperam para falar com seu oficial preferido... um é um professor de escola e outro um membro da câmara municipal. Eles não ousam dizer seus nomes por medo de represálias potenciais.”⁷⁴ Em Karabah, “simpatizantes ao regime do Talibã dirigiram pelas ruas de seis aldeias no distrito de Karabah com alto-falantes, ameaçando matar qualquer pessoa que cooperasse com o governo afegão. Por três meses, o Talibã se encorajou, e agora eles fazem as “visitas” sem cobrir suas caras. Mesmo assim, ninguém os tem denunciado. Por que fariam isso? A última vez que os vilarejos indicaram quem era responsável por um ataque, os perpetradores foram imediatamente postos em liberdade depois de pagarem dinheiro ao chefe de polícia do distrito.”⁷⁵

As baixas civis estão aumentando à medida que as forças do Talibã e da coalizão continuam a lutar. Segundo a Human Rights Watch, ataques do Talibã causaram 699 baixas civis em 2006.⁷⁶ A informação na tabela 1 abaixo, compilada pelo Gabinete de Segurança de ONGs no Afeganistão, mostra as baixas internacionais versus aquelas colaterais da população civil durante os primeiros seis meses de 2007.⁷⁷

A campanha do Talibã tem causado uma divisão entre as forças da coalizão e a população, a quem as forças da coalizão consideram como de fato apoiadores do Talibã. De modo oposto, o povo acredita que as forças da coalizão são insensíveis culturalmente e não conseguem oferecer reparações adequadas pelas baixas. Por isso, o povo adota *badal*, assim aumentando o apoio passivo para o Talibã e criando uma fonte de novos combatentes potenciais.

A campanha de coerção do Talibã também alimenta a frustração popular com a República Islâmica do Afeganistão (RIA). O Gabinete de Segurança de ONGs relatou que, durante os primeiros seis meses de 2007, houve um aumento de 50% nos contatos entre o povo e o Talibã e outros grupos de oposição armados.⁷⁸ A



Nota: Os números de baixas mostrados aqui não incluem as baixas das forças paquistanesas, que são estimadas em mais de 1.100 mortos em combate até hoje

Tabela 2. Mortes da coalizão por ano

maioria desses casos era não-letal, mas 60% eram seqüestros ou tentativas de intimidação. Quarenta por cento dos ataques envolveram armas de fogo direto (lança-rojões e armas portáteis), assaltos, ataques com explosivos improvisados ou incêndio premeditado.⁷⁹

O tormento constante do Talibã impede trabalhadores e material de chegarem aos lugares amplamente dispersos no Afeganistão. Como um oficial de segurança europeu disse, “O povo está preocupado porque o nível básico de suas vidas não tem melhorado, e isso é o desafio que a insurgência proporciona — adiando a capacidade do governo de distribuição, mantendo certas áreas instáveis.”⁸⁰ O resultado das ações destrutivas do Talibã é desilusão, raiva para com aqueles que prometeram uma vida melhor e um desejo de voltar para o Talibã para substituir a frustração com a estabilidade.

O Talibã também tem aumentado o emprego de homens-bomba para fortalecer o movimento. Desde 2006, o número desses ataques tem aumentado drasticamente.⁸¹ Produzida por meio da interação entre a Al-Qaeda e o Talibã, a nova onda de homens-bomba demonstra a diferença entre as táticas iniciais de Robin Hood do Talibã e sua indiferença atual para os cidadãos. Essas armas humanas têm produzido mais baixas entre o povo civil que entre as forças de segurança internacionais.⁸² Como resultado, o Alto-Comissariado sobre os Direitos Humanos da ONU tem acusado o Talibã de escolher deliberadamente os civis como alvos para minar a RIA.⁸³ Parece que a tática está funcionando: agora os afegãos minimizam o contato com as agências da coalizão devido ao aumentado risco de ficarem perto das tropas ou bases da coalizão. Claro, a máquina de propaganda do Talibã tenta evitar a responsabilidade pelas baixas civis, em geral culpando a coalizão por elas, como uma reportagem da Al-Jazeera mostra: “O Talibã nos disse que um ataque suicida foi executado hoje de manhã... eles mataram quatro italianos e feriram mais três. Sua versão é que quaisquer civis que foram mortos morreram durante tiroteios que ocorreram depois — não reivindicaram a responsabilidade pelas mortes dos civis.”⁸⁴ Esta tática coage, por falta de opção, apoio para o Talibã, ao alienar o povo das forças da coalizão e do governo do Afeganistão.

Os esforços coercivos para doutrinar os jovens afegãos visam o sistema educacional do país. Em 2006, militantes do Talibã mataram 20 professores e destruíram aproximadamente 200 escolas.⁸⁵ Em 2007, forçaram o fechamento de mais 300 escolas.⁸⁶ Em janeiro de 2007, o Talibã disse que tinha reservado um milhão de dólares para o estabelecimento de seis escolas nas seis províncias no sul do Afeganistão. “Os talibãs não são contra a educação”, eles a reivindicaram; ao invés disso, “Os talibãs querem a educação sharia (islâmica).”⁸⁷ O grupo espera construir um sistema educacional controlado de estilo madrassa depois de destruir todos os outros recursos educativos. O Talibã está obtendo um recurso futuro, o povo, para os anos que virão.

Influências internas. O Talibã provou ser uma organização resistente. Depois de perder o poder, foi capaz de se reagrupar e estabelecer um governo paralelo. Este “governo clandestino” busca aumentar seu poder ao ganhar o controle de território e minar a legitimidade da RIA.⁸⁸ O antigo general chefe do Talibã e atual membro do parlamento da IRA, Mulá Abdul Salam Rocketi, observou sua existência desde cedo: “O Estado-Maior inteiro da resistência do Talibã é... como um verdadeiro governo clandestino.”⁸⁹

O Talibã também parece estar infiltrado no governo legítimo. As forças da coalizão perceberam isso em 2005, quando os programas de anistia afegã permitiram que os membros do Talibã se reintegrassem com a sociedade afegã e participassem nas eleições. Como um oficial de operações disse: “Havia pessoas na lista de candidatos que sabíamos tinham afiliações livres com o Talibã, ou eram facilitadores, ou estavam de outra maneira sujos com a mancha do Talibã, ou estavam em nossa lista de alvos de alguma maneira ou forma... Isso nos demonstrou que essas pessoas tentarão construir algum tipo de governo paralelo por meio das eleições legítimas, para que possam ter representantes no lugar assumindo as posições de responsabilidade, se e quando seu estilo de vida e tipo de governo forem re-institucionalizados pela queda do governo legítimo.”⁹⁰

Embora possa ser difícil confirmar as verdadeiras lealdades dos membros do Talibã que retornam, até que escolham revelá-las, a

percepção de lobos na pele de cordeiros no governo serve para minar a RIA ainda mais.

Entretanto, o Talibã está promovendo a legitimidade de seu governo paralelo, como mostrado por sua formação de uma nova Constituição do Emirado Islâmico do Afeganistão em dezembro de 2006.⁹¹ O Talibã está fazendo questão de agir como um governo exilado, para que seus simpatizantes nos estados árabes possam justificar com mais facilidade o apoio deles.

Influências regionais e internacionais. O incidente da Mesquita Vermelha em julho de 2007, em Islamabad, demonstra a capacidade do Talibã de influenciar as políticas na região. Os militantes que impuseram a lei sharia de estilo talibã, em sua comunidade de Islamabad, incitaram um impasse de oito dias com as forças do governo, uma paralisação que se concluiu com um assalto do complexo por tropas paquistanesas. No entretanto, 10 soldados e mais de 90 militantes foram mortos.⁹² Esta ação policial causou uma onda de inquietação civil e instigou chamadas pela renúncia do Presidente Musharraf.

Mais recentemente, o assassinato da antiga Primeira-Ministra paquistanesa Benazir Bhutto já demonstrou o nível de interesse do Talibã no futuro do Paquistão. Ambos, o governo paquistanês e a CIA (Agência Central de Inteligência dos EUA), já responsabilizaram Baitulla Mehsud, comandante do Movimento do Talibã no Paquistão, pelo assassinato.⁹³ Consta que Mehsud fez juramento de lealdade ao Mulá Omar, que compartilha as mesmas crenças ideológicas.⁹⁴ Esta extensão da influência do Talibã no Paquistão demonstra a tentativa bem-sucedida da organização de se expandir pela região.

A influência internacional do Talibã também foi evidente no seqüestro e execução aparente de dois alemães (e cinco afegãos), envolvidos num projeto de represas, e o seqüestro de um ônibus lotado com missionários sul-coreanos. Membros do Talibã alegam que executaram os alemães após a Alemanha ter ignorado o prazo para retirar seus 3.000 homens do Afeganistão. Os reféns coreanos enfrentaram um destino similar quando o Talibã exigiu que a Coreia do Sul retirasse seu 200 soldados da região. Depois

que o Talibã matou dois dos coreanos, o governo da Coreia do Sul cedeu às exigências do Talibã e retirou suas tropas do Afeganistão. (O restante dos reféns foram libertados).⁹⁵

Essas campanhas beneficiaram o Talibã em várias maneiras. Na esteira do incidente da Mesquita Vermelha e dos continuados protestos de estudantes, a pressão no Paquistão para ceder às exigências para um domínio religioso de estilo talibã aumentou, produzindo mais apoio político para o Talibã e uma maior fonte de recrutas potenciais. Com os seqüestros e assassinatos, o Talibã expôs a inabilidade do governo de proteger estrangeiros e mostrou que pode ditar termos a governos nacionais.

A influência que o Talibã exerce também pode ser vista na divergência recente entre os EUA e seus parceiros da coalizão sobre os ônus compartilhados no Afeganistão. Com suas táticas pacientes, os talibãs estão testando as vontades nacionais dos estados da coalizão e os pontos fortes da aliança, ao passo que a missão no Afeganistão se estende.

Recentemente, O Secretário de Defesa dos EUA, Robert Gates, criticou o esforço da OTAN contra o Talibã no sul do Afeganistão. Gates disse ao *Los Angeles Times* que as forças da coalizão no sul não sabem como travar uma contra-insurgência e podem contribuir para a escalada da violência.⁹⁶ Os Países Baixos, o Reino Unido e o Canadá, cujas tropas já agüentaram muitos dos combates no sul do Afeganistão, protestaram contra os comentários de Gates.⁹⁷ O líder do Partido Democrático Nacional do Canadá, Jack Layton, disse que os comentários podem ser o ponto crucial para compelir o Canadá a se retirar do Afeganistão. Um porta-voz da OTAN respondeu, “Não é útil quando existe especulação na mídia sobre as divisões entre aliados. É até pior quando existe uma divisão entre aliados” (embora ele completasse, “Contudo não acredito que exista”).⁹⁸ Os números crescentes de baixas também estão custando caro demais em termos da vontade dos membros da aliança para fornecer tropas.⁹⁹ (Veja tabela 2.)

Obviamente, o Talibã entende que a “pulga” insurgente não precisa derrotar seu inimigo, mas simplesmente durar mais que sua vontade de continuar a coçar.

Compelido a abordar o que o futuro pode trazer para o Talibã e o Afeganistão, isso parece ser claro: os talibãs estão começando a se auto-sustentar produzindo os efeitos que alimentam sua base de recursos. Assim, o movimento é capaz de sobreviver e, na ausência de uma presença dos EUA ou da OTAN, eventualmente de reinar na região do Afeganistão dominada pelos pashtuns

e disseminar sua esfera de influência na *FATA* e nas outras regiões do Paquistão. Existe uma necessidade evidente para abordar esse problema numa maneira mais coerente. Se não fizermos isso, o Talibã terá o potencial de desencadear uma nova onda de terror — mais ataques como 11 de Setembro, Barcelona ou Londres — pelo mundo inteiro. **MR**

REFERÊNCIAS

1. Sun Tzu, *A Arte da Guerra*, disponível em: <http://maorinews.com/writings/poems/artofwar.htm>, acesso em: 17 de janeiro de 2008.
2. "Madrasa" (em árabe: مدرسة) é a palavra árabe para qualquer tipo de escola, secular ou religiosa (de qualquer religião). Neste artigo, "madrasa" referenciar-se-á aos seminários religiosos islâmicos no Afeganistão e no Paquistão.
3. "Mujahidin" (em árabe: مجاهدين, literalmente, "lutadores") é a expressão para muçulmanos travando qualquer tipo luta. Mujahid e seu plural, mujahidin, vêm da mesma raiz árabe, como "jihad" ("luta"). Um caudilho é uma pessoa poderosa que comanda uma força armada fiel a ele, não ao governo; como resultado, ele possui o controle de fato de uma área regional. Os caudilhos e homens fortes têm sido uma característica constante da história afegã.
4. BEHNKE, Alison, *The Conquests of Alexander the Great* (Twenty-First Century Books, 2007), p. 99.
5. DUPREE, Louis, *Afghanistan* (Princeton, NJ: Princeton University Press, 1978), p. 145.
6. JOHNSON, Thomas H., "On the Edge of the Big Muddy: The Taliban Resurgence in Afghanistan," *China and Eurasia Forum Quarterly* 5, no. 2 (2007): p. 118, disponível em: www.silkroadstudies.org/new/docs/CEF/Quarterly/May_2007/Johnson.pdf, acesso em: 21 de novembro de 2007.
7. TANNER, Stephen, *Afghanistan: A Military History from Alexander the Great to the Fall of the Taliban* (Cambridge, Mass., Eurospan, 2003), p. 134.
8. Para uma história detalhada do Grande Jogo veja HOPKIRK, Peter, *The Great Game: The Struggle for Empire in Central Asia* (Kodansha Globe, 1994).
9. Para detalhes dos acordos administrativos das Áreas Tribais Administradas Federalmente (FATA), veja *The Constitution of the Islamic Republic of Pakistan*, disponível em: <http://www.pakistan.gov/pakistan/constitution/>, acesso em: 27 de fevereiro de 2008), e Haq Noor ul, Rashid Ahmed Khan e Maqsood ul Hasan Nuri, "Federally Administered Tribal Areas of Pakistan," *Islamabad Policy Research Institute Papers*, vol. 10 (March 2005), disponível em: <http://ipripak.org/papers/federally.shtml>, acesso em: 27 de fevereiro de 2008).
10. Para os detalhes das reformas que perturbaram o campo, veja SIKORSKI, Radek, *Dust of the Saints: A Journey to Herat in Time of War (Khak-i Aвалиya)* (Paragon House Publishers, 1990), pp. 180-187.
11. KATZMAN, Kenneth, *Afghanistan: Post-War Governance, Security, and U.S. Policy* (Washington, DC: Congressional Research Service, 2007).
12. O Estado-Maior Russo, *The Soviet-Afghan War: How a Superpower Fought and Lost*, editores e tradutores Lester W. Grau e Michael A. Gress (Lawrence: University Press of Kansas, 2002), pp. 255-56.
13. Mohammad Yousaf e Mark Adkin, *Afghanistan-the Bear Trap: the Defeat of a Superpower* (Havertown, PA: Casemate, 2001), p. 159
14. KATZMAN, p. 3. Também veja "The Taliban," *Program for Culture and Conflict Studies*, disponível em: www.nps.edu/Programs/CCS/Docs/Pubs/The%20Taliban.pdf, acesso em: 27 de novembro de 2007.
15. "Wahhabismo" (em árabe: الوهابية) é um ramo do Islã praticado por aqueles que seguem o ensino do Muhammed Ibn Abdul Wahhab, pelo qual o movimento deriva seu nome. As escritas de eruditos como Ahmad Ibn Hanbal e Ibn Taymiyya influenciaram Ibn Abdul Wahhab, que reintroduziu a lei Sharia (Islâmica) na península arábica. A expressão "Wahhabi" (*Wahhabīya*) é raramente usada pelo povo que descreve. A expressão preferida atual é "Salafismo" dos *Salaf as-Salih*, os "predecessores piedosos," como propagado principalmente por Ibn Taymiyya, seus estudantes Ibn Al Qayyim al-Jawziyya, e mais tarde por Muhammad ibn Abdul Wahab e seus seguidores.
16. MARSDEN, Peter, *The Taliban: War, Religion and the New Order in Afghanistan* (London and Karachi: Oxford University Press; New York: Zed Books Ltd., 1998), pp. 22-35.
17. O manto do Profeta Mohammed foi guardado numa cripta no mausoléu real em Candahar e, segundo um mito popular, só pode ser tocado por um verdadeiro *Amir-ul-Momineen* (Líder dos fiéis). Para os detalhes do evento, veja Johnson e Mason, p. 80, e ONISHI, Norimitsu, "A Tale of the Mulá and Muhammad's Amazing Cloak," *New York Times*, 19 de dezembro de 2001, disponível em: query.nytimes.com/gst/fullpage.html?res=9F04EEDB123EF93AA25751C1A9679C8B6, acesso em: 28 de novembro de 2007.
18. RASHID, Ahmed, *Taliban: Militant Islam, Oil, and Fundamentalism in Central Asia*. (New Haven, CT: Yale University Press, 2001), p. 42.
19. RAE LIN, Joseph A., "The Myth of Charismatic Leaders," *T + D* (1º de março de 2003): p. 46, disponível em: www.proquest.com, acesso em: 2 de dezembro de 2007.
20. KATZMAN, pp. 3-4.
21. ROGGIO, Bill, "Pakistani Taliban Unites Under Baitullah Mehsud," *The Long War Journal*, disponível em: www.longwarjournal.org/archives/2007/12/pakistani_taliban_un.php, acesso em: 15 de janeiro de 2008.
22. O Michael Howard citado em LINDBERG, B.C., *Culture: A Neglected Aspect in War, Urban Operations Journal*, Air War College, Maxwell-Gunter Air Force Base, Alabama, 1996, disponível em: <http://www.au.af.mil/au/awc/awgcat/usmc/lindberg.htm>, acesso em: 18 de março de 2008.
23. *Ibid.*, 122
24. A expressão "tribo," como usada neste artigo, refere-se aos "grupos localizados nos quais o parentesco é a forma dominante da organização e cujos membros se consideram culturalmente distintos (em termos de costumes, dialeto ou idioma e suas origens) e têm sido unificados politicamente por muito da sua história." GIUSTOZZI, Antonio e ULLAH, Noor, "'Tribes' and Warlords in Southern Afghanistan, 1980-2005," *Crisis States Working Papers* 2, no. 7 (setembro de 2006), p. 2, disponível em: www.crisisstates.com/download/wp/wpSeries2/wp7.2.pdf.
25. JOHNSON, *On the Edge of the Big Muddy*, p. 122.
26. Uma jirga (em urdu: جرگه) é uma assembléia tribal de anciãos que tomam as decisões por meio de consensos. São mais comuns no Afeganistão e entre os pashtuns no Paquistão. Para detalhes da tradição de jirgas, veja WARDAK, Ali, *Jirga—A Traditional Mechanism of Conflict Resolution in Afghanistan*, disponível em: unpan1.un.org/intradoc/groups/public/documents/APCITY/UNPAN017434.pdf; e BANGASH, Mumtaz Ali, "Jirga: Speedy Justice of Elders. What is Not Decided in the Jirga Will Never be Decided by Bloodshed," *Khyber Gateway*, disponível em: www.khyber.org/culture/jirga/jirgas.shtml.
27. "Expert: Afghan War Needs New Strategy," *United Press International*, 21 May 2007, disponível em: www.upi.com/Security_Terrorism/Briefing/2007/05/21/expert_afghan_war_needs_new_strategy/4851, acesso em: 28 de novembro de 2007.
28. MAHDI, Niloufer Qasim, "Pakhtunwali: Ostracism and Honor among the Pathan Hill Tribes," *Ethology and Sociobiology* 7 (1986): p. 150-54.
29. SIERAKOWSKA-DYNDO, Jolanta, "Tribalism and Afghan Political Traditions," pp. 53-59, disponível em: www.wgsr.uw.edu.pl/pub/uploads/aps04/SSierakowski-Dydo_Trybalism.pdf, acesso em: 26 de fevereiro de 2008).
30. TOHID, Owais e BALDAUF, Scott, "Pakistani Army must Go through the Pashtuns," *The Christian Science Monitor*, 25 de junho de 2004, disponível em: www.csmonitor.com/2004/0625/p07s02-wosc.html, acesso em: 4 de setembro de 2007.
31. "CIA—the World Factbook 2007," disponível em: <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/af.html>, acesso em: 21 de novembro de 2007.
32. MARSDEN, 78.
33. JOHNSON, Thomas H. e MASON, M. Chris, *Understanding the Taliban and Insurgency in Afghanistan*, *Orbis* 51, no.1 (Winter 2007): p. 75.
34. RASHID, *Taliban: Militant Islam, Oil, and Fundamentalism in Central Asia*, pp. 85-93.
35. *CIA—the World Factbook 2007*. É importante saber que o último censo de população no Afeganistão ocorreu no início da década de 70. Por isso, esses números são muito duvidosos.
36. Para mais detalhes sobre as genealogias tribais pashtuns e a geografia das áreas tribais, veja CAROE, Sir Olaf Kirkpatrick, *The Pathans, 550 B.C.-A.D. 1957* (St. Martin's: 1958), p. 521, e JOHNSON, Thomas H., "Program for Culture and Conflict Studies at NPS," Programa de Estudos de Cultura e de Conflito, na Escola Naval de Pós-Graduação, disponível em: www.nps.edu/programs/ccs, acesso em: 11 de janeiro de 2008.
37. Para mais informações sobre as dimensões tribais pashtuns do Talibã, veja

JOHNSON e MASON, p. 71.

38. CAROE, p. 15.
39. *Ibid.*, 22.
40. *Ibid.*, 21.
41. *Ibid.*, 12.
42. *Ibid.*, 19.
43. Para os fins deste artigo, a expressão, “campo humano” é definida como “o povo e suas redes de apoio e de inteligência.”
44. International Crisis Group, *Pakistan: Karachi's Madrasas and Violent Extremism* (2007).
45. JOHNSON, *On the Edge of the Big Muddy*, p. 97.
46. *CIA—the World Factbook 2007*.
47. A inquirição do Comitê de Assuntos Externos da Câmara dos Deputados dos EUA, “Afghanistan: The Rise of the Narco-Taliban: Testimony of Congressman Mark Kirk,” 2007, disponível em: www.foreignaffairs.house.gov/110/kir021507.pdf, acesso em: 29 de novembro de 2007.
48. *Afghanistan Opium Survey 2007, Escritório das Nações Unidas contra Drogas e Crime (United Nations Office on Drugs and Crime)* (2007), disponível em: www.unodc.org/pdf/research/AFG07_ExSum_web.pdf, acesso em 1º de outubro de 2007.
49. *Ibid.*
50. A área total do Afeganistão e da FATA é um pouco maior que o estado do Texas.
51. A área ao redor do rio Helmand produz a maior colheita de ópio no país.
52. *CIA—the World Factbook 2007*
53. CAROE, xii.
54. “The Taliban,” *Program for Culture and Conflict Studies*.
55. TABER, Robert, *The War of the Flea: Guerrilla Warfare in Theory and Practice* (New York: Lyle Stuart, Inc., 1965), pp. 27-28. A idéia do emprego das táticas “Guerra da pulga” pelo Talibã originou-se em JOHNSON e MASON, p. 87.
56. JOHNSON, *On the Edge of the Big Muddy*, p. 93.
57. BAKY, Aisbah Allah Abdel, “The Taliban Strategy: Religious & Ethnic Factors,” *The World in Crisis*, disponível em: 198.65.147.194/English/Crisis/2001/11/article11.shtml, acesso em: 1º de outubro de 2007.
58. Thomas H. Johnson, entrevista pelo autor, 24 de maio de 2007.
59. “Taliban,” *Jane's World Insurgency and Terrorism*, Jane's Information Group, disponível em: www8.janes.com.libproxy.nps.edu, acesso em: 1º de dezembro de 2007).
60. DUPEE, Matt e AZIZPOUR, Haroon, “Blood in the Snow: The Taliban's ‘Winter Offensive,’” *Afgha.com*, disponível em: www.afgha.com/?q=node/1589, acesso em: 27 de fevereiro de 2008.
61. DUPEE, Matt, “Analysis: Taliban Replace Dadullah, the State of the Insurgency,” disponível em: www.afgha.com/?q=node/2947, acesso em: 27 de fevereiro de 2008.
62. YUSUFZAI, RahiMulá, “Omar Names Council to Resist Occupation.” *The News*, 24 de junho de 2003.
63. KORGUN, Victor, “Afghanistan's Resurgent Taliban,” *Terrorism Focus* 1, no. 4 (24 de outubro de 2003), disponível em: <http://www.jamestown.org/terrorism/news/article.php?articleid=23404>, acesso em: 27 de fevereiro de 2008.
64. Para uma discussão de “táticas de aglomerar”, veja ARQUILLA, John e RONFELDT, David, *Swarming and the Future of Conflict* (Santa Monica, CA: RAND National Defense Research Institute, 2005), disponível em: www.rand.org/pubs/documented_briefings/2005/RAND_DB311.pdf, acesso em: 11 de dezembro de 2007.
65. Durante uma entrevista com a agência da BBC nas áreas pashtuns em março de 2003, Mulá Dadullah disse isso sobre Mulá Omar: “Temos designado líderes e comandantes baseado em sua carta escrita a mão; temos iniciado o jihad baseado em sua carta escrita a mão; e trabalhamos baseado em suas ordens.” “Countering Afghanistan's Insurgency: No Quick Fixes,” *International Crisis Group*, disponível em: <http://www.crisisgroup.org/home/index.cfm?id=4485>, acesso em: 27 de fevereiro de 2008).
66. JOHNSON, Thomas H., *The Taliban Insurgency and an Analysis of Shah Nameh (Night Letters)*, vol. 18 (Routledge, Taylor and Francis Group, 2007), pp. 317-44.
67. JOHNSON e MASON, p. 71.
68. JONES, Seth G., *Afghanistan's Local Insurgency* (Santa Monica, CA: The Rand Corporation, 2007), disponível em: www.rand.org/commentary/013107IHT.html.
69. “Jihadi Layeha—A Comment,” National Center for Policy Research, disponível em: www.ncpr.af/Publications/LayehaJihad.pdf, acesso em: 11 de maio de 2007.
70. “Taliban Sack Military Commander,” *BBC News*, disponível em: news.bbc.co.uk/2/hi/south_asia/7164277.stm, acesso em: 2 de janeiro de 2008.
71. TABER, p. 27-28.
72. RASHID, p. 25.
73. BAYS, James, “Taliban Seize Second District,” *Aljazeera.Net*, 13 de fevereiro de 2007, disponível em: english.aljazeera.net/NR/exeres/2B5FFE5D-4330-4E11-A33D-32AE069468C6.htm, acesso em: 20 de janeiro de 2008.

74. DANIEL, Sara, “Resist the Taliban? What For?” *Le Nouvel Observateur*, 10 de agosto de 2006, disponível em: www.truthout.org/cgi-bin/artman/exec/view.cgi/63/21812.
75. *Ibid.*
76. “The Human Cost: The Consequences of Insurgent Attacks in Afghanistan,” *Human Rights Watch* 19, no. 6c (April 2007), 70, disponível em: www.hrw.org/reports/2007/afghanistan0407/5.htm#_Toc163022674, acesso em: 30 de julho de 2007).
77. “ANSO Quarterly Data Report: (Q.2-07) 22 December 2006–6 June 2007,” Afghan NGO Security Office, 18 de julho de 2007, 20, disponível em: www.cfr.org/content/publications/attachments/ANSO%20Data%20Report%20Q2-07.pdf, acesso em: 21 de janeiro de 2008).
78. ANSO, p. 6.
79. ANSO, p. 8.
80. KING, Laura e HOLLEY, David, “Afghanistan War Nears ‘Tipping Point’: Government support is flagging, NATO is split on strategy, and Taliban fighters are revitalized,” *Los Angeles Times*, 9 de dezembro de 2007, disponível em: www.com-mondreams.org/headlines/06/1209-03.htm, acesso em: 20 de janeiro de 2008.
81. COGHLAN, Tom, “British troops may face al-Qaeda fighters sent from Iraq to Afghanistan,” *Telegraph.co.uk*, 3 de fevereiro de 2006, disponível em: www.telegraph.co.uk/news/main.jhtml?xml=/news/2006/02/03/wafg03.xml, acesso em: 20 de maio de 2007).
82. “The Human Cost: The Consequences of Insurgent Attacks in Afghanistan,” p. 74.
83. SYNOVITZ, Ron, “Afghanistan: Resurgent Taliban Slows Aid Projects, Reconstruction,” *Radio Free Europe/Radio Liberty*, 30 de novembro de 2007, disponível em: www.rferl.org/featuresarticle/2007/11/31f15334-d540-4074-acd3-ae06d9ca35c2.html, acesso em: 20 de janeiro de 2008).
84. “Children die in Kabul bomb attack,” *Aljazeera.Net*, 24 de novembro de 2007, disponível em: english.aljazeera.net/NR/exeres/0DFAD09A-E268-415F-8FAC-FE5B912395DD.htm?FRAMELESS=true&NRNODEGUID=%7b0DFA09A-E268-415F-8FAC-FE5B912395DD%7d.
85. KHAN, Noor, “Taliban to open their own schools in the south,” *Afghanistan Watch*, 22 de janeiro de 2007, disponível em: thecenturyfoundation.typepad.com/aw/2007/01/taliban_to_open.html#more, acesso em: 20 de maio de 2007.
86. Senlis Afghanistan, *Stumbling into Chaos: Afghanistan on the Brink* (London: MF Publishing Ltd, 2007), p. 96.
87. NOOR.
88. JOHNSON, “Big Muddy,” p. 94.
89. DANIEL, Sara e YOUSAFZAY, Sami, “Terrorism: The Return of the Taliban,” *Le Nouvel Observateur*, 3 de novembro de 2005, disponível em: www.truthout.org/docs_2005/110705A.shtml.
90. NAYLOR, Sean, “The Waiting Game: A stronger Taliban lies low, hoping the U.S. will leave Afghanistan,” *Armed Forces Journal* (Fevereiro de 2006), disponível em: www.armedforcesjournal.com/2006/02/1404902, acesso em: 20 de janeiro de 2008.
91. “Taliban issues its own Constitution and Code of Conduct,” *Yahoo! News India*, 9 de dezembro de 2006, disponível em: in.news.yahoo.com/061208/139/6a4y3.html, acesso em: 20 de maio de 2007.
92. KHAN, M. Ilyas, “Inside the Red Mosque,” *BBC News*, 12 de julho de 2007, disponível em: news.bbc.co.uk/2/hi/south_asia/6896192.stm, acesso em: 30 de julho de 2007.
93. MEYER, Josh, “CIA, Pakistan Concur on Bhutto's Killer,” *Los Angeles Times*, 18 de janeiro de 2008, disponível em: www.latimes.com/news/nationworld/world/asia/la-fg-hayden18jan18,1,2917230.story?coll=la-asia&ctrack=1&csset=true, acesso em: 21 de janeiro de 2008.
94. ALI, Imtaiz, “Baitullah Mehsud—The Taliban's New Leader in Pakistan,” *Terrorism Focus* 5, 8 de janeiro de 2008, The Jamestown Foundation, disponível em: jamestown.org/terrorism/news/article.php?articleid=2373881, acesso em: 22 de janeiro de 2008).
95. “South Korean hostages head back home from Afghanistan,” 31 de agosto de 2007, *International Herald Tribune*, disponível em: www.iht.com/articles/2007/08/31/asia/hostages.php, acesso em: 17 de janeiro de 2008.
96. SPEIGEL, Peter, “Gates Faults NATO Force in Southern Afghanistan,” *Los Angeles Times*, 16 de janeiro de 2008, disponível em: www.latimes.com/news/nationworld/world/la-fg-usafghan16jan16,0,1957179.story?coll=la-home-world, acesso em: 21 de janeiro de 2008.
97. EVANS, Michael, “Outrage as US accuses Britain of inexperience in Taliban conflict,” *The Times*, 17 de janeiro de 2008, disponível em: www.timesonline.co.uk/tol/news/world/asia/article3201002.ece, acesso em: 21 de janeiro de 2008.
98. Até 26 de fevereiro de 2008, 768 soldados da coalizão tinham sido mortos no Afeganistão. Quatrocentos e oitenta e três eram americanos, 285 vieram de outros países (não-afegãos). “Operation Enduring Freedom,” iCasualties.org, disponível em: icasualties.org/oef, acesso em: 26 de fevereiro de 2008.
99. “Gates says comments not aimed at specific NATO countries,” *CBC.ca*, 17 de janeiro de 2008, disponível em: www.cbc.ca/canada/story/2008/01/17/gates-nato.html, acesso em: 21 de janeiro de 2008.